



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

PESQUISA DE PIGMENTOS NATURAIS NO CARIRI CEARENSE, UMA EXPERIÊNCIA COM O GRUPO DE PESQUISA ATELIÊ DE PINTURA – GPAP

Marciano Do Nascimento Belarmino¹

Ana Cláudia Lopes De Assunção²

Resumo O presente texto trata de um relato de experiências no campo do ensino/aprendizagem em pintura a partir das pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Ateliê de Pintura – GPAP da Universidade Regional do Cariri – URCA, a respeito dos pigmentos naturais encontrados na rica Floresta Nacional do Araripe, considerando suas origens e nos atentando para a preservação do meio ambiente do qual fazem parte. Seu principal objetivo é investigar as potencialidades desses materiais, promovendo práticas artísticas sustentáveis e de valorização do patrimônio natural e cultural da região e promover o reconhecimento do ambiente natural que devemos preservar e das comunidades que vivem no seu entorno, sua cultura e modos de vida. Para tanto, foi feito um levantamento de dados sobre o histórico do GPAP através de conversas informais com os bolsistas do grupo de pesquisa, assim como um levantamento bibliográfico sobre o uso dos pigmentos naturais através dos tempos. Para as práticas pedagógicas foi pensado uma metodologia do uso didático dos pigmentos e feitura das tintas e o seu experimento no campo pictórico. Como resultados observou-se que a materialidade destes pigmentos é acessível a diversos públicos e de múltiplas possibilidades no campo do ensino das artes e dos processos artísticos. Espera-se que com este estudo possa ampliar-se o campo de experimentações com materiais lúdicos da natureza e desperte uma consciência socioambiental nos processos de ensino/aprendizagem no campo das artes visuais.

Palavras-chave: plantas tintoriais; pigmentos naturais; Chapada do Araripe; meio ambiente.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri/URCA. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5760802372320423> Email: marck.matos@urca.br

² Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG - bolsista CAPES. Arteterapeuta pela Clínica Pomar/RJ (2004). Líder do Grupo de Pesquisa: Ateliê de Pintura, desenvolve pesquisa com pigmentos minerais e vegetais do entorno da Chapada do Araripe. Diretora do Centro de Artes/URCA. Professora adjunta do curso de Licenciatura em Artes Visuais/URCA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5417513938950268> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9014-2384> Email: ana.claudia@urca.br

Abstract This text reports on experiences in the field of teaching and learning painting, based on research conducted by the Painting Studio Research Group (GPAP) at the Regional University of Cariri (URCA). The research focuses on the natural pigments found in the rich Araripe National Forest, considering their origins and focusing on the preservation of the environment of which they are a part. Its main objective is to investigate the potential of these materials, promoting sustainable artistic practices that value the region's natural and cultural heritage, and fostering recognition of the natural environment, which we must preserve, and of the communities that live nearby, their cultures, and ways of life. To this end, data on the history of GPAP was collected through informal conversations with the research group's fellows, as well as a bibliographical survey on the use of natural pigments throughout history. For pedagogical practices, a methodology for the didactic use of pigments and paint production was developed, as well as their experiments in the painting field. The results showed that the materiality of these pigments is accessible to diverse audiences and offers multiple possibilities in the field of art education and artistic processes. It is hoped that this study will expand the field of experimentation with playful materials from nature and awaken socio-environmental awareness in teaching/learning processes in the field of visual arts.

Keywords: teaching/learning in painting; dyeing plants; natural pigments; Chapada do Araripe; environment.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir relata um processo de pesquisa teórico-prático, realizado junto aos membros do Grupo de Pesquisa Ateliê de Pintura – GPAP-, da Universidade Regional do Cariri – URCA – a respeito dos pigmentos naturais encontrados na rica Floresta Nacional do Araripe, considerando suas origens e nos atentando para a preservação do meio ambiente do qual fazem parte. É conhecendo as propensões humanas à exploração sem limites que esse texto também visa chamar a atenção do leitor para a importância de cuidar da nossa casa, entendida aqui como a floresta, não tirando mais do que se necessita e nem vendo nela um meio de enriquecimento que só a consome e a destrói. Tendo como objetivo investigar as potencialidades desses materiais, promovendo práticas artísticas sustentáveis e de valorização do patrimônio natural e cultural da região e promover o reconhecimento do ambiente natural que devemos preservar e das comunidades que vivem no seu entorno, sua cultura e modos de vida.

Na primeira parte, o texto explora um breve histórico dos pigmentos, dos naturais utilizados na pré-história, ao início da produção de sintéticos entre os séculos XIX e XX. Na segunda parte será abordado o contexto e projetos do Grupo de Pesquisa Ateliê de Pintura – GPAP e minha experiência como graduando e membro do grupo e os processos de ensino/aprendizagem em

pintura. Logo após, será tratado sobre o tema dos pigmentos naturais, minerais e vegetais, finalizando com uma reflexão a respeito da boa conduta que devemos ter, em relação a natureza, da qual fazemos parte, e sobre o viver sustentável do ser humano em meio ao sistema vital do qual faz parte.

HISTÓRIA DOS PIGMENTOS NATURAIS E SINTÉTICOS

Nem sempre existiu o termo “tintas naturais”, pois toda forma de pintar, de colorir, eram extraídas da natureza, desde a era pré-histórica, no desejo comum ao ser humano de se expressar, nas artes rupestres por exemplo. Sobre isso nos diz Jhon Bermond (2015) em seu guia, Apostila Intuitiva de Pigmentos Naturais:

As primeiras tintas que temos notícias são das pinturas pré-históricas feitas em cavernas (30.000 - 8.000 a.C.). Foram feitas utilizando-se terras coloridas, pó de rochas, carvão vegetal, sangue e colas vegetais e animais. Como as terras e rochas são pigmentos altamente duráveis e as pinturas estavam protegidas das ações do tempo, elas conservaram-se até hoje. (BERMOND, 2024, p. 3)

O fato é que pigmentos retirados de fontes naturais foram utilizados pelo ser humano desde seu entendimento de si. Na Índia com o uso do açafrão da terra, para o tingir dos mantos de monges budistas, na Suméria há 3.000 a.C. a pedra lazuli era utilizada para a produção da cor azul, usada em seus afrescos. Para além dos vegetais e minerais, os maias, incas e astecas se utilizavam da cochonilha, um pequeno inseto comum na América do Sul, para produzir o carmim. No Brasil, antes da exploração europeia, os indígenas locais conheciam o vermelho do pau brasil e do urucum, e o preto do jenipapo.

Cerca de 1.000 a.C. havia poucos corantes e estes eram muito caros, fosse pela sua pouca incidência, difícil coleta ou quantidade de matéria prima, para a pouca produção, como nos diz Jhon (2015):

Alguns corantes de que se tem notícia naquela época eram o azul índigo ou anil (retirado da planta *Indigofera tinctoria*), o vermelho provinha da raiz da *Rubia tinctorum*, chamada de ruiva dos tintureiros por ser usada pelos mesmos (na pintura artística, esta cor ficou conhecida como alizarina), o violeta era obtido a partir de moluscos (*Murex trunculis* e *Murex brandaris*). Este era um corante caro devido à alta quantidade necessária de moluscos para produzir tinta: dez mil moluscos equivaliam a um grama de cor (por volta de 1300 d.C., estes moluscos entraram

em extinção e a cor então passa a ser retirada de um líquen).
(IDEM p. 3)

A partir desse fato trazido pelo autor, percebemos a importância de maior atenção em relação a maneira como se extrai essas matérias primas da natureza, para evitar o desgaste ambiental e eventuais desequilíbrios causados pelo mau uso destes espaços e, conseqüentemente, o desaparecimento de espécies como a descrita.

De acordo com o Science History Institute foi William Henry Perkin (1838–1907), que “durante as férias de Páscoa do Royal College of Chemistry de Londres... sintetizou malva, ou púrpura de anilina — o primeiro corante sintético comercializado — a partir de produtos químicos derivados do alcatrão de hulha”, dando início à uma nova era dos corantes artificiais. “A partir desta descoberta, muitas pesquisas foram desenvolvidas e cada vez mais os corantes artificiais passaram a ocupar o lugar dos naturais”, diz Bermond (2024) em seu guia.

Na segunda metade do século 14º, a alizarina ganha seu primeiro equivalente químico, assim como o azul índigo, no final do século 19º. Daí para frente os sintéticos ganham cada vez mais espaço com o surgimento da tinta acrílica no século 20º e das tintas fosforescentes, desenvolvidas em laboratórios. Na década de 1980 havia cerca de 3 milhões de cores artificiais disponíveis, enquanto parte do conhecimento a respeito dos pigmentos naturais foi esquecido.

Sobre os corantes naturais e sintéticos, Cristina Rejane Feitosa Silva, em sua dissertação *Cores do Sertão: Os corantes Naturais da Chapada do Araripe Como Ferramenta Para a sustentabilidade* (2017), nos diz que:

...os corantes se dividem em naturais e sintéticos. Os naturais são obtidos de insumos vegetais, minerais e animais. Cascas, raízes de árvores, flores, caroços, terra e frutos são exemplos desses insumos. Já os corantes artificiais são sintetizados de derivado de petróleo, ou do alcatrão de carvão mineral, e muitas vezes são prejudiciais ao homem e se descarte também nocivo ao meio ambiente, mas pela sua praticidade de uso e durabilidade das cores é o mais utilizado pela indústria têxtil e também por artesãos. (SILVA, 2024, p. 16)

Informações como essa nos indicam que a pesquisa por pigmentos naturais, não deve se tratar apenas de um mero percurso acadêmico, mas sim de uma busca por uma vivência mais saudável e equilibrada em meio ao rico

ambiente florestal que é a Chapada do Araripe, preservando o conhecimento que há muito tem sido utilizado pelos nossos ancestrais, e buscar trazer mais cores para o cinza cenário capitalista ocidental, e, em paralelo, trazer renda sustentável para as comunidades artesãs que ainda se utilizam de tingimentos artificiais em seus processos criativos.

O GRUPO DE PESQUISA ATELIÊ DE PINTURA - GPAP

A primeira vez que tive contato com os pigmentos naturais, foi no início do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri - URCA, na disciplina de Expressão Visual 1, ministrada pela professora Dra. Ana Cláudia Lopes de Assunção, que nos apresenta uma possibilidade do uso de materiais da natureza como possibilidade didática para o ensino/aprendizagem em pintura.

Dando continuidade e minha trajetória como graduando, fui apresentado à possibilidade de “extrair cores” da natureza exuberante que nos cerca, através do Grupo de Pesquisa Ateliê de Pintura – GPAP, liderado pela professora acima citada, fundado em agosto de 2018, composto por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais e pesquisadores colaboradores. Neste início não havia ainda bolsistas para a pesquisa, tudo era feito de forma voluntária pelos membros do GPAP. Só em 2021 é que a professora Dra. Ana Cláudia conseguiu sua primeira bolsista PIBIC-URCA-FECOP, Nívea Maria Rodrigues, para o Projeto de Pesquisa intitulado Ateliê de Pintura, no período de março a dezembro de 2022. Dando continuidade à pesquisa tiveram mais dois bolsistas PIBIC-CNPQ/URCA, para o período de agosto de 2022 a agosto de 2023, Wellington Pereira de Sousa e Maria das Graças de Sousa Matias, para o Projeto de Pesquisa Cores de uma Paisagem.

Durante os dois anos de pandemia de covid-19, tive contato apenas virtual com o grupo, através da professora nas aulas remotas, conhecendo de forma presencial a sua pesquisa em 2022, com o retorno às aulas presenciais. Privilegiado pela natureza que me surpreendia todos os dias como uma nova pintura natural, morando rodeado pela próspera e encantadora Floresta Nacional do Araripe, me senti induzido a querer conhecer mais desta paleta de cores pintadas pela inteligência suprema e causa primária de que tudo o que há. Ao caminhar pelas trilhas do lugar onde moro, catei flores, folhas e sementes, e por

meio de maceração consegui extrair alguns pigmentos que, ao misturá-los com água e cola, me foi possível conseguir uma belíssima palheta de cores.

No retorno ao ensino presencial no Centro de Artes Reitora Maria Violeta Arraes Gervaiseau – Cartes - fui conhecendo um pouco mais da pesquisa sobre pigmentos minerais, que fazia parte do Projeto de Pesquisa Cores de uma Paisagem, proposição do grupo na época, me vinculando ao grupo de pesquisa como voluntário e em seguida consegui ingressar como bolsista do Laboratório de Pintura.

OS PIGMENTOS MINERAIS

No ingresso à monitoria do laboratório, contribui também com a pesquisa dos pigmentos minerais, que era o foco do grupo na época, tendo Francisca Roberlânia Lima Silva como bolsistas PIBIC-FUNCAP/URCA do Projeto Ateliê de Pintura: processos de criação com pigmentos minerais encontrados na Chapada do Araripe, no período de agosto de 2023 a agosto de 2024. No ateliê eu era responsável pela organização e limpeza do espaço, onde trabalhávamos as amostras coletadas em campo.

O processo consistia na produção de tinta a partir do pigmento por nós extraídos dos minerais, que convém dizer que eram de uma riqueza tonal admirável e apresentaram, a julgar pelos nossos experimentos, ótima qualidade na produção das tintas naturais e resistência à intemperes, ao serem aplicadas em suportes como papel, tecido e até parede; em nada eram inferiores em comparação às tinturas industrializadas, ao contrário, eram mais belas, mais vivas, em tons e em história.

Tais vivências me inspiraram a ideia de elaborar um círculo cromático com 4 cores principais, trabalhadas entre si para a criação de outras, como é possível ver na imagem ao lado (Figura 1):

Figura 1: Paleta de cores adquiridas com as tintas produzidas



Fonte: O Autor

Algumas cores eram encontradas em abundância, outras nem tanto e as que eram de poucas quantidades, vez ou outra misturávamos umas às outras, que tivessem tons mais aproximados, criando assim novas tonalidades que não encontramos “puras” nas nossas coletas. A imagem a seguir apresenta algumas amostras coletadas (Figura 2).

Figura 2: Registro de mostras coletadas



Fonte: O Autor

Triturar, peneirar, decantar e pôr para secar eram procedimentos diários dos membros do grupo, movimento circular que ia se aperfeiçoando à medida que a pesquisa avançava, pensando meios de agilização dos processos e improvisando

ferramentas que nos possibilitasse uma pesquisa mais fluida mais rápida e promissora. Abaixo segue um registro do processo realizado para extração do pigmento mineral (Figura 3):

Figura 3: Registro do processo de manufatura do pigmento mineral



Fonte: O Autor

OS PIGMENTOS VEGETAIS

Em paralelo aos trabalhos realizados no grupo de pesquisa, tive a ideia de cultivar um jardim em frente ao ateliê, onde fizemos canteiros de plantas tanto medicinais quanto ornamentais – e possibilidade do cultivo de plantas com propriedades tintoriais, que seriam utilizadas na pesquisa atualmente em processo, algumas plantas como urucum, algodão e cidreira se desenvolveram bem e algumas acabaram dando abrigo às outras medicinais menores, que também foram cultivadas.

No segundo semestre de 2024, iniciamos então a pesquisa com o Projeto, Tintas Vegetais da Chapada do Araripe, tendo como bolsistas PIBIC-FECOP/URCA, Carlos Augusto da Silva Bezerra e novamente Maria Matias, se estendendo também às comunidades, desta forma a professora propôs também um Projeto de Extensão intitulado Plantas Tintoriais da Chapada do Araripe, tendo como bolsista o estudante Cleiton Menezes Silva e a professora Dra. Arlene Pessoa como colaboradora.

Nesse processo iniciado em maio de 2024, nossa atenção se volta mais uma vez para a belíssima Chapada Nacional do Araripe, mais precisamente para sua flora, que segundo as nossas pesquisas, nos indicam a possibilidade de adquirir tons variados das plantas presentes no ambiente. Num primeiro momento nossa pesquisa foi teórica, buscamos artigos e textos que nos dessem uma base de quais seriam as plantas com essa possibilidade tintorial. Buscamos plantas nativas e que não houvessem sido experimentadas, até o momento, nesse ramo de pesquisa, teríamos assim uma relação mais direta com o nosso próprio habitat.

De fato, há muitas plantas com essas propriedades, porém poucas conhecidas por estas possibilidades pictóricas. Portanto, nos restava experimentar, utilizando os métodos já conhecidos, como o método de cocção, para experimentar e constatar a possibilidade, ou não, de extração de corante para produção do pigmento, dessa ou daquela planta.

Cabe aqui enfatizar a diferença entre corante e pigmento, uma vez que há certa facilidade em confundir ambos, por serem destinados a um mesmo fim; tingir. Sobre isso as autoras Denise e Lina Valarini, em seu guia Tintas Vegetais-Corantes, Poética do Habitat (2024), nos dizem que:

A principal diferença entre o pigmento e corante é que os pigmentos são insolúveis em seu solvente e os corantes são solúveis. Os pigmentos, quando empregados adequadamente em tintas, proporcionam opacidade, cobertura, tingimento e cor. O corante só confere a cor. Podemos compreender como pigmento a parte mais pura da cor, podendo ser natural ou química e estão presentes em todos os organismos no mundo. As plantas são os maiores produtores destes pigmentos encontrados nas folhas, frutos, vegetais, flores, assim como em animais, bactérias e fungos. (VALARINI, 2024, p. 2)

Dentro desse levantamento teórico, nos atentamos também à composição química das espécies por cada uma pesquisada, sabendo que algumas substâncias como taninos, flavonóides e carotenóides, indicam a possibilidade de pigmentação, podendo serem extraídas e transformadas em tinta.

Outro importante motivo pelo qual devemos nos atentar às composições químicas das nossas plantas, é que muitas delas, apesar de possuírem propriedades tintoriais, suas cores são pouco sólidas e muito fugidas à presença da luz, carecendo então de tratamentos oriundos do processo de produção de pigmento “adicionando aglutinantes, conservantes e fixadores” (VALARINI, 2024.)

Após a etapa de levantamento das espécies nativas, partimos para o estudo de campo, juntamente com o grupo da professora Dra. Arlene Pessoa, que realizava pesquisa para seus processos de catalogação, juntamente dos membros do seu grupo do Herbário Caririense Dárdano de Andrade-Lima – HCDAL, da Universidade Regional do Cariri -URCA. Contávamos nesse momento com a sabedoria popular do Senhor Damáres, mateiro conhecedor da flora local, com quem eu tive o privilégio de aprender muito, sobre as árvores da nossa região caririense. Como dito anteriormente, não conhecíamos, com clareza, quais plantas iriam suprir nossas necessidades, contudo, a partir dos métodos experimentados – mais especificamente o método de cocção –

conseguimos em plantas como jatobá, angico, espinheiro, murici e amarelo, extrair a laca, que é o processo final de extração, antes da preparação da tinta propriamente dita. Ver imagem a seguir (Figura 4):

Figura 4: Registro de processos de extração do pigmento vegetal



Fonte: O autor

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A pesquisa dos pigmentos minerais nos possibilitou, dentre outras atividades, a realização de oficinas com o público acadêmico, do próprio curso de Artes Visuais, assim como também, com as turmas de outras graduações da universidade e, do ProfArtes, Mestrado Profissionalizante em Artes do Centro de Artes/URCA, sendo possível apresentar os processos da pesquisa que vinha sendo desenvolvida no grupo de pesquisa, a públicos diversos de outras áreas do conhecimento, tendo como resultado a manufatura de pigmentos minerais e feitura de tintas naturais. Desta forma foi pensando junto aos bolsistas e membros do grupo de pesquisa, propostas de ensino/aprendizagem em pintura com o uso didático destes materiais, que vislumbrava reconhecer o processo da produção dos pigmentos desde a coleta dos materiais na natureza até a feitura das tintas para o uso didático e artístico nas oficinas. Com isso buscava-se um despertar para o reconhecimento da natureza do entorno, cuidar e preservar, saber fazer um bom uso de suas riquezas e possibilidades autossustentáveis com o uso de materiais da natureza como suporte didático para as aulas.

Dentre esses processos, destacamos aqui duas vivências; uma com a turma do curso graduação em Ciências Sociais acompanhada pela professora Dra. Adriana Maria Simião da Silva e outra com um grupo de mulheres artesãs da cidade de Várzea Alegre uma partilha muito especial, durante as festividades da cidade, no Barracão Cultural. Ver figuras 5 e 6 a seguir:

Figura 5: Registro da vivência com a turma de Ciências Sociais, da professora Adriana



Fonte: Ateliê de Pintura

Figura 6: Vivência com o Barracão Cultural, mediado por Wellington Pereira



Fonte: Wellington Pereira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos obtidos foram satisfatórios para todos os membros do GPAP, da coleta à prática, os testes com as tintas obtidas a partir do pigmento mineral, em diferentes suportes como tecido, papel e parede, mostraram-nos ser de ótima qualidade e durabilidade, e as pessoas que tiveram contato, através das práticas pedagógicas propostas, aderiram sem maiores dificuldades ao processo, ao mesmo tempo em que demonstravam espanto, à possibilidade de encontrarem todas aquelas cores no seu quintal, bem como à beleza que cada tom carrega.

A pesquisa continua a respeito dos pigmentos vegetais que, após todo o processo ocorrido de extração do pigmento, nos cabe encontrar maneiras de transforma-lo em tinta, na continuidade dessa pesquisa que tanto tem a nos ensinar, sobre a natureza e seus meios de se visível e sentida, e sobre como o ser humano pode disso se apropriar, para criar coisas belas.

Como parte importante de um grande sistema, é nossa obrigação cuidar do meio ambiente do qual usufruímos, tirando dele apenas o necessário para nosso desenvolvimento intelectual e moral, é também nosso direito como seres pensantes desse grande sistema evolutivo, viver de maneira harmônica uns com os outros, respeitando limites e aceitando que cabe a nós preservar as riquezas naturais que nos foram dadas de graça pela Inteligência Primária, criadora de tudo o que há.

Conhecer a paleta de cores provenientes do rico habitat, de onde tive o privilégio de crescer, foi para mim uma alegria indescritível. Todo o passo a passo atrelado às conversas com os colegas, são memórias agradabilíssimas que levarei sempre comigo, no meu caminho de arte educador, pois para além

do uso dessa materialidade nos processos artísticos, vislumbro as possibilidades do uso como material didático no pensar o ensino/aprendizagem em pintura no ensino das artes visuais.

REFERÊNCIAS

BERMOND, Jhon. **Apostila Intuitiva de Pigmentos Naturais**. 2015. Elaborada por Jhon Bermond. Disponível em: www.linktr.ee/jhonbermond. Acesso em: 15 out. 2024.

SCIENCE HISTORY INSTITUTE (Filadélfia). **William Henrique Perkin**: um feliz acidente: mauve. 2024. Science History Institute. Disponível em: <https://www.sciencehistory.org/education/scientific-biographies/william-henry-perkin/>. Acesso em: 15 out. 2024

SILVA, Cristina Rejane Feitosa. **CORES DO SERTÃO: OS CORANTES NATURAIS DA CHAPADA DO ARARIPE COMO FERRAMENTA PARA A SUSTENTABILIDADE**. 2017. Disponível em: <https://proder.ufca.edu.br/wp-content/uploads/2018/08/dissertac3a7c3a3o-ok.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

VALARINI, Denise; VALARINI, Lina. **TINTAS VEGETAIS-CORANTES**: poética do habitat. Disponível em: https://linktr.ee/poeticadohabitar?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaZ3F_P0CKWk2olU0cfDpy30UpVUEGaJEwVPWe265zzWPuilxz5d9NR8blc_aem_P79plYP7RSQzKKhAmQ3dug. Acesso em: 15 out. 2024.